

---

## O transporte medieval de mercadorias em pleno século 21: contribuições da pesquisa sobre a comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da Ceagesp

Jamir Osvaldo KINOSHITA<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### Resumo

Apresentamos as contribuições da pesquisa de mestrado (KINOSHITA, 2019) sobre a comunicação no mundo do trabalho (FIGARO, 2001; 2008; 2009) dos carregadores da Ceagesp, retomando discussão aberta no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. No estudo exploratório realizado (GIL, 2008; BONIN, 2006), as observações de campo (FERNANDES, 1972; LOPES, 2001; POUPART et al. 2008) gerais e específicas desses trabalhadores se somam à análise de discurso (BACCEGA, 1995; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1988; FIORIN, 1998; NOUROUDINE, 2002; BOUTET, 2004; VIGOTSKI, 2005) das entrevistas aprofundadas (MACHIN; COUTO; ROSSI, 2009) para mostrar que este ofício árduo, bruto e que demanda muito esforço físico remonta, em pleno século 21, a padrões medievais (PIRENNE, 2009) de execução.

**Palavras-chave:** comunicação; mundo do trabalho; carregadores; Ceagesp; resultados.

### Introdução

Trazemos neste artigo as principais conclusões advindas da pesquisa de mestrado<sup>2</sup> (KINOSHITA, 2019) realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP. Desse modo, damos sequência à discussão aberta anteriormente no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, quando apontamos, naquele momento, alguns elementos que até então serviriam de base para a nossa análise (KINOSHITA, 2018). Assim, procuramos vicejar a pertinência do caminho metodológico trilhado ao longo de nosso estudo.

Cumpramos destacar que nossa expectativa, ao retomar a temática, é mostrar as contribuições, inclusive práticas, que podem vir a ser adotadas especialmente pelo nosso objeto de investigação, no caso, os carregadores autônomos que trabalham na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), que é uma estatal federal vinculada ao Ministério da Agricultura.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, e-mail: [kinoshita.jamir@gmail.com](mailto:kinoshita.jamir@gmail.com).

<sup>2</sup> A investigação seguiu a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), sob o parecer número 3.234.228 que, entre outros pontos, resguarda o anonimato das pessoas entrevistadas.

Situada no Estado de São Paulo, ela foi criada em 1969 com a fusão de duas empresas pertencentes ao governo paulista: o Centro Estadual de Abastecimento S/A (Ceasa) e a Companhia de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp). Sua gestão passou à União em 1997, como forma de renegociar a dívida do Estado e dar início ao processo de privatização, que não seguiu adiante pela falta de interessados em sua aquisição.

Fotografia 1 – O Entrepósito Terminal São Paulo



Fonte: Codco/Ceagesp

A Ceagesp, que tem um quadro de funcionários concursados e outros nomeados, todos sob o regime de contratação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), é uma rede pública formada por 13 entrepostos e 18 armazéns, cuja atuação primordial está voltada ao atacado. Dentre as unidades, destaca-se o Entrepósito Terminal São Paulo (ETSP), localizado na Vila Leopoldina, na zona oeste da capital paulista, que é a maior central de abastecimento da América Latina de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos)<sup>3</sup>.

### **Contextualização do cenário e das personagens da pesquisa**

O ETSP é também o lugar em que fica a direção administrativa da empresa federal. Diariamente, 50 mil pessoas e 12 mil veículos circulam por seus 700 mil m<sup>2</sup>, números que triplicam ao final do ano com as festas de Natal e de Ano Novo. Mensalmente, 2.800 permissionários comercializam 280 mil toneladas de produtos de 1.500 municípios brasileiros e até do exterior. Em virtude dessa grande movimentação, há uma

---

<sup>3</sup> Todas as informações institucionais foram colhidas no site da própria empresa ([www.ceagesp.gov.br](http://www.ceagesp.gov.br)), uma vez que a direção da estatal não aceitou participar da pesquisa, sequer para passar os dados que são públicos.

---

infraestrutura dentro do entreposto formada por farmácias, padaria, bancos, restaurantes, lanchonetes, lotérica, agência de viagem, chaveiro, banca de jornal e salão de cabeleireiro.

Dada a relevância da central de abastecimento e a própria localização geográfica do pesquisador é que empreendemos nossa investigação nesse espaço. Soma-se a isso ainda o fato de que atuamos diretamente, durante mais de um ano, na Coordenadoria de Comunicação e Marketing (Codco) da Ceagesp, ocasião em que pudemos conferir, *in loco*, o trabalho desenvolvido pelos 3.800 carregadores do entreposto paulistano.

Por serem autônomos, a “contratação” desses trabalhadores é feita individualmente por permissionários<sup>4</sup> e compradores. O pagamento ocorre no ato e em dinheiro, assim que o serviço é finalizado. Detalhe: a Ceagesp proíbe o uso de equipamentos externos para locomover as mercadorias dentro de seus entrepostos. Isso significa que a tarefa compete exclusiva e legitimamente aos carrinhos de madeira<sup>5</sup> dos carregadores, que medem 2,5m de comprimento por 1,5m de altura e suportam até 300kg de carga. Para se ter a dimensão do que representa esse trabalho, 12 mil toneladas de mercadorias são movimentadas por dia somente no ETSP.

Nesse sentido, é preciso entender o papel assumido pelo Sindicato dos Carregadores Autônomos em Centrais de Abastecimento do Estado de São Paulo (Sindicar). Afinal, todos os profissionais que fazem transporte interno de flores, pescados e hortifrutícolas estão ligados, obrigatoriamente, à entidade sindical que, entre outras ações, é responsável pela gestão do serviço, cuidando da definição da tabela oficial de preços de carregamento, que é ajustada de comum acordo com a representação patronal e a direção da CEAGESP.

Os carrinhos de madeira no entreposto da Vila Leopoldina só podem ser guardados dentro do galpão do Sindicar, a uma taxa mensal de R\$ 160, que dá direito ainda ao uso de vestiário e chuveiro, custeio de medicamentos (R\$ 80 no máximo) e a uma cesta básica por mês (em caso de afastamento do trabalho por motivo de saúde). Dos 3.800 carregadores, 2 mil são sócios, o que lhes possibilita votar e participar como candidato das eleições do sindicato e desconto em atendimento jurídico e odontológico.

O Sindicar, que é filiado à União Geral dos Trabalhadores (UGT), tem 49 diretores, dos quais nove são remunerados, e dez funcionários contratados via CLT. O

---

<sup>4</sup> Proprietários dos boxes comerciais dos entrepostos, cuja atividade primordial é a venda ao atacado.

<sup>5</sup> Trata-se da **Norma interna NP-OP-032** – Procedimentos para carregadores, editada pela própria CEAGESP.

presidente é o piauiense José Pinheiro de Souza, mais conhecido por Zé Pinheiro, que ocupa o cargo há mais de 40 anos ininterruptamente e incentiva a vinda de conterrâneos para trabalhar no ETSP. Essa situação explica o motivo de 70% dos carregadores serem do Piauí. Anualmente, são organizadas duas grandes festas (Corpus Christi e Santa Luzia), no próprio galpão, em que há celebração de missa, seguida de churrasco oferecido a todos os trabalhadores e seus familiares.

Fotografia 2 – Pátio do Sindicar



Fonte: Jamir Kinoshita (2019)

Mensalmente, há um almoço de confraternização, promovido pelo sindicato, com a presença do presidente e dos diretores da Ceagesp, quando são servidos pratos típicos como buchada, baião de dois e galinhada – a direção da estatal nunca faltou a algum desses encontros. A força do Sindicar é tanta que a entidade fez aprovar, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o Dia do Carregador (Lei estadual 16.552/2017), comemorado em 30 de junho. Há ainda profissionais que largaram o ofício após se elegerem vereadores na Câmara Municipal de Osasco<sup>6</sup>, na Grande São Paulo.

### **Relações de comunicação e trabalho**

Para Hegel (1991), o objeto é condição *sine qua non* para a existência do sujeito. Disso decorre que o trabalho é justamente esse objeto que qualifica o sujeito, outorgando-lhe uma sensação de pertencimento e de reconhecimento social, haja vista se tratar de um elemento essencial para determinar a constituição do homem como ser social. Considerado uma atividade humana (FIGARO, 2009), o trabalho é quem confere identidade ao indivíduo.

---

<sup>6</sup> A atuação política em Osasco decorre do fato de que grande parcela dos carregadores reside nesse município, que fica próximo ao ETSP.

---

Para Marx e Engels (2007), a realidade deve ser entendida à luz da história da divisão do trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas, o que torna a atividade laboral uma mercadoria com valor de uso e de troca (MARX, 1985). A ideia de luta de classes se mostra bastante significativa para entender a “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2001) que, longe de ser uma categoria homogênea, representa todas as pessoas que vendem sua força de trabalho nos dias atuais – os trabalhadores produtivos e os assalariados. O fato é que as mudanças históricas na divisão do trabalho têm como consequência a diminuição do “[...] trabalhador industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado [...]” (idem, p. 104) e a multiplicação do trabalho precarizado, resultado fulcral do desemprego estrutural e da crise do capital.

A compreensão sobre o trabalho e a nova classe trabalhadora é crucial para depreendermos a própria sociedade, que se retroalimenta cotidianamente da lógica do pensamento neoliberal, que só reforça a relevância da liberdade econômica na eficácia da máquina capitalista. É justamente essa premissa que possibilita o florescimento da figura do empreendedor, do sujeito empresarial responsável por garantir a vigência de tal ordem social (DARDOT; LAVAL, 2016). Tem-se, assim, a configuração de um profissional ideologicamente precarizado, que nem se dá conta de como a sanha do capital se insurgiu nele de tal forma, tornando-o um ser alienado da realidade. Por isso, refutamos veementemente a ideia de que o carregador autônomo, que desempenha uma atividade extremamente braçal e pesada, sem nenhum direito trabalhista, seja um empreendedor.

A comunicação acaba por destacar a centralidade do trabalho na sociedade, inclusive na gestão de recursos humanos dentro do processo de reestruturação produtiva (FIGARO, 2009). E é justamente na imbricação desses dois binômios (FIGARO, 2001; 2008) pela perspectiva da ontologia social (LUKÁCS, 2012) que se dá a formação identitária do sujeito que trabalha.

Estudar a comunicação no mundo do trabalho permite entender como se dá a resolução de problemas e a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas, como se constituem os coletivos de trabalho que estão fora do enquadramento do organograma da empresa; como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas. É, ainda, compreender como o mundo do trabalho transborda de seu meio e abarca outros espaços sociais, tais como a casa, o bairro, a mídia etc. (FIGARO, 2008, p. 129)

A percepção dessa conformação se mostrou fundamental para depreendermos como se configuram as relações sociais dos carregadores em seu mundo do trabalho, mediadas pela esfera comunicacional. Em nossa pesquisa, isso ficou muito evidente, uma

vez que eles estabelecem interlocução direta com os mais diversos públicos que circundam o universo da Ceagesp.

### **A triangulação metodológica da pesquisa**

Um desafio inicial com o qual deparamos foi estabelecer o modelo metodológico pertinente para levarmos adiante nossa investigação. Nesse contexto, optamos por realizar uma pesquisa exploratória (GIL, 2008; BONIN, 2006) com base na primeira conversa que tivemos com um dos diretores do sindicato, que se mostrou fundamental para direcionar melhor os procedimentos a serem adotados. Entre eles, a não aplicação de questionário impresso para obtenção de dados, já que os carregadores têm desconfiança e não se sentem confortáveis diante desse instrumento, por falta de tempo e pela própria dificuldade de compreensão das perguntas.

Assim, empreendemos observações de campo (FERNANDES, 1972; LOPES, 2001; POUPART et al. 2008) gerais e específicas, registro de imagens fotográficas (KOSSOY, 1978; 1980), anotações em diário de campo (MARIN, 2006) e entrevistas aprofundadas (MACHIN; COUTO; ROSSI, 2009) relacionadas à atividade laboral dos trabalhadores que transportam flores e pescados.

Tabela 1 - Cronograma das observações de campo gerais e específicas

<b>Data</b>	<b>Local visitado</b>	<b>Atividade</b>	<b>Considerações</b>
20 e 21 de julho de 2017	Feira de Flores	Observação geral	Registros de imagens <sup>7</sup> e em caderno de anotação
22 e 23 de janeiro de 2018	Feira de Flores	Observação geral	Registros de imagens e em caderno de anotação
26 de janeiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação geral	Registros de imagens e em caderno de anotação
29 de janeiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação geral	Registros de imagens e em caderno de anotação
6 de fevereiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação geral	Registros de imagens e em caderno de anotação
28 de fevereiro de 2018	Pavilhão MLP	Observação geral <sup>8</sup>	Registros de imagens e em caderno de anotação

<sup>7</sup> Ao final, contabilizamos um acervo de 390 imagens fotográficas que retratam a atividade dos carregadores.

<sup>8</sup> Essa observação de campo, ocorrida no período diurno, serviu para comparar o transporte de outras mercadorias com as duas atividades escolhidas, que são realizadas de madrugada.

1 e 2 de março de 2018	Feira de Flores	Observação geral	Registros de imagens e em caderno de anotação
4 e 5 de fevereiro de 2019	Feira de Flores	Observação específica <sup>9</sup>	Registro de imagens e caderno de anotação
7 de fevereiro de 2019	Pátio do Pescado	Observação específica	Registro de imagens e caderno de anotação

Fonte: Compilação do próprio pesquisador, com base em consulta ao diário de campo

A escolha por essas duas atividades se deu também na entrevista inicial com o dirigente sindical, quando percebemos particularidades na maneira de carregar tais mercadorias. A locomoção de flores e plantas é feita por carregadores mais idosos, que têm maior cuidado e delicadeza para lidar com esses produtos. No pescado, que demanda muita força física, tem-se profissionais mais jovens, já que esse item é levado em grandes quantidades e em enormes vasilhas de plástico ou de isopor abertas e cobertas com gelo.

Fotografia 3 – Carregadores em ação na Feira de Flores



Fonte: Jamir Kinoshita (2018)

<sup>9</sup> As explorações de campo específicas, que estão relacionadas às entrevistas aprofundadas que promovemos posteriormente, aconteceram com carregadores indicados pelo Sindicar, que foi um agente facilitador nesse contato, haja vista que a entidade sindical é bem vista pela categoria.

Fotografia 4 – Carregar pescado requer mais força



Fonte: Jamir Kinoshita (2018)

Outro elemento usado para entender o trabalho dos carregadores foi a análise do discurso (BACCEGA, 1995; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1988; FIORIN, 1998; VIGOTSKI, 2005), primordial para compreender os sentidos contidos nessa atividade árdua e eminentemente masculina, que remonta, em pleno século 21 e na maior metrópole brasileira, a padrões medievais de produção capitalista (PIRENNE, 2009).

### **O que encontramos na pesquisa de campo**

As observações de campo gerais e específicas, aliadas à releitura das anotações feitas em diário e dos registros fotográficos, se mostraram essenciais para entender as nuances desse ofício, mostrando os valores de quem trabalha. Nesse sentido, a abordagem ergológica (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008, p. 81) indicou que por mais que hajam prescrições, sempre há espaço para o inédito do trabalho, já que se trata de um momento único, em que determinada atividade é executada de maneira peculiar por cada pessoa. “Constatar que os trabalhadores se apropriam das normas, mascaram, transgridem, jogam com elas inventando novas normas, em resumo, renormalizam permanentemente, isto significa que há vida, significa a possibilidade de dominar o sistema.”



Fotografia 5 – Observação específica do carregamento de flores



Fonte: Jamir Kinoshita (2019)

O debate das normas parte da análise das situações concretas de trabalho para confrontá-las com a prescrição e buscar soluções negociadas, dando vez e voz a quem trabalha. Um exemplo que aponta a habilidade particular do carregador, não somente para movimentar produtos, mas também para reconhecer aquilo que carrega, é dada pelo seguinte comentário do dirigente do Sindicato:

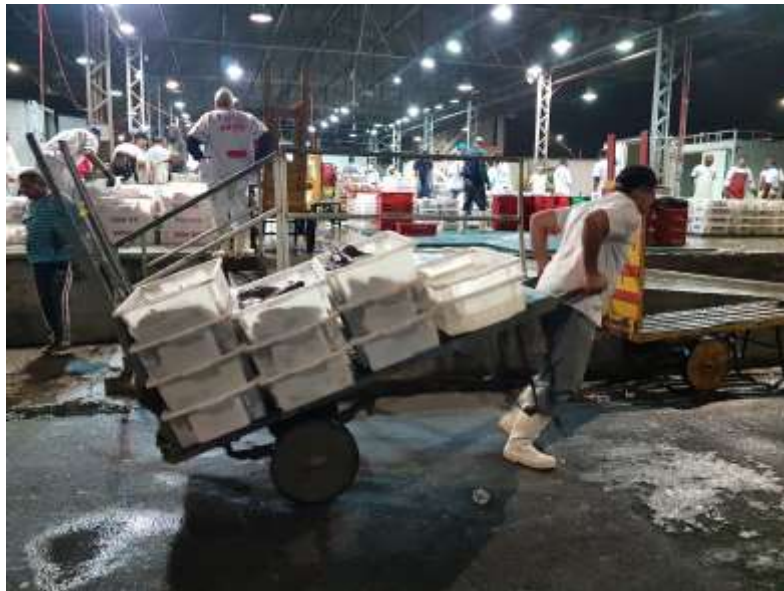
[...] quando vem a mercadoria, você não pode jogar de qualquer jeito. Se você for jogar, vai estragar a mercadoria. Você pega uma caixa de uva, se você bater, ela já começa a estragar ali. Tem que ter muito cuidado com a mercadoria. [...] Em cada setor é um sistema de trabalho. Você vai descarregar laranja é um sistema, vai descarregar mamão é outro sistema. Tudo que você vai carregar é um sistema bem diferente. [...] às vezes, o carregador conhece mais a mercadoria [...] porque a gente trabalha aqui dentro, sabe a mercadoria que é boa. Você vem de fora, está comprando a mercadoria de uma semana, e o carregador, ele sabe qual a mercadoria que descarregou no dia, ele está aqui 24 horas.

Fica claro, então, que o trabalhador dispõe de um modo específico para transportar as mais diferentes mercadorias. Além disso, ele sabe onde é possível encontrar produtos de qualidade, que sejam mais frescos e a preços menores de venda. Esse conhecimento vem bastante do “boca a boca” e da chamada “rádio peão” que circula pela central de abastecimento – afinal, estamos falando de um grande mercado a céu aberto.

Daí a importância da análise sobre as falas dos carregadores da Ceagesp, aproximando a linguagem à esfera do trabalho. Esses dois elementos são dialeticamente constitutivos das relações sociais e, ao mesmo tempo, constituídos por elas, enlevando o papel da interação entre os sujeitos. Isso torna bastante oportuna a formulação de

Nouroudine (2002) a respeito da atividade da linguagem, o que permite identificar a ligação desta com o trabalho. Para isso, há a captação do uso da língua no espectro laboral, algo vital para se entender a lógica do ofício dos carregadores, o que acontece a partir da análise da linguagem *como, no e sobre* o trabalho.

Fotografia 6 – Observação específica do transporte de pescado



Fonte: Jamir Kinoshita (2019)

A primeira vertente (*como* trabalho) ocorre quando o sujeito orienta o trabalho no processo coletivo de produção que exige cooperação e diálogo. A segunda (*no*) representa uma das realidades constitutivas da situação do trabalho global na qual se desenrola a atividade. A última (*sobre*) são as falas do trabalho produzidas pelos próprios protagonistas do ofício. Ressalta-se a dificuldade que é saber quando a linguagem assume uma dessas dimensões ou quando elas se entrelaçam, o que só reforça a relevância de se aplicar tal verificação, de maneira bastante pragmática, nos discursos dos trabalhadores.

Nessa perspectiva, o trabalho não se limita a um conjunto de verbalizações a ser coletado e analisado. Ao invés disso, o exercício laboral e os dados linguageiros servem para embasar uma série de questionamentos de ordenamento teórico como, por exemplo, o modo pelo qual a atividade de linguagem colabora para o desenvolvimento do serviço. Para isso, o conceito de parte linguageira do trabalho (BOUTET, 2004) mostra a contribuição da linguagem e das línguas à efetivação do trabalho, compreendendo-se, assim, as especificidades da contextualização da linguagem em situação laboral.

---

## O que revelam os discursos dos carregadores

A interpretação das entrevistas aprofundadas que realizamos, tendo em vista a significação da atividade linguageira *como*, *no* e *sobre* o ofício dos carregadores, ajudou a apreender como o mundo do trabalho se junta à comunicação para conceber a identidade profissional, e mesmo pessoal, desses personagens, além de apontar como a linguagem atua na concretização do ato laboral. Uma amostra disso é a maneira como é encarada a “contratação” diária do próprio serviço por permissionários e compradores.

[...] o carregador tá pedindo a Deus que tenha um serviço. [...] Porque quanto mais trabalhar, mais ele ganha. Se ele não trabalhar, ele não ganha, ele só ganha se trabalhar. [...] O carregador sabe que seu serviço é muito pesado. [...] você trabalha com sol, chuva, sereno, tudo, às vezes até doente trabalha para bancar sua casa. (ENTREVISTA DO DIRETOR DO SINDICAR)

[...] se a praça está ruim, às vezes, você passa o dia todo, a noite toda e não carrega nada. [...] não é todo dia que você vai para o ponto para trabalhar e tem serviço. Você vai tipo aventurar [...] Num dia bom de serviço, no pescador, no que é bom para mim, que não tenho quase freguês ali, é três, quatro viagens. (ENTREVISTA DO CARREGADOR DE PESCADOS)

Tal quadro de dificuldade traduz bem uma sensação de precarização que advém da verbalização de um termo que demonstra a forma com que o ofício é encarado, numa dicotomia à situação com a qual a profissão é exercida.

[...] se o patrão subir, ele [carregador] vai subir e se o patrão quebrar, ele vai ser quebrado e não vai receber. Por isso que eu falo para o carregador: “Vocês têm sempre que trabalhar, mas vocês têm que ficar preocupados com seu patrão. Seu patrão está acima de vocês, ele é sempre mais do que você. Porque ele tem que ganhar sempre mais do que você, porque se ele ganhar sempre mais do que você, você vai estar empregado.” (ENTREVISTA DO DIRETOR DO SINDICAR)

A palavra “patrão” aparece na fala do trabalhador, o que só fica pior por se tratar do dirigente sindical, o que demonstra o quanto seu discurso é contraditório. Esse substantivo, que transpassa a ideia de autoridade, e no caso dos carregadores não existe, reitera a lógica da expropriação capitalista, haja vista que estamos nos referindo a profissionais sem vínculo empregatício e nenhum benefício trabalhista.

A própria postura do sindicato, que se autointitula autônomo, corrobora para não mudar em nada esse panorama, já que ele age na prática mais como uma cooperativa, deixando de lado o que se espera de uma instituição sindical. Por outro lado, ele assume uma dimensão significativa no dia a dia desses profissionais, ocupando um posto que ultrapassa a esfera do trabalho, influenciando questões de cunho pessoal.

---

[...] os candidatos que o seu Zé [Pinheiro, presidente do Sindicar] apoiar para melhorar o sindicato, a gente apoia. A gente está de ponta a ponta com ele. Todos os candidatos que são para melhorar [...] que são para ficar a favor do trabalhador, a gente é a favor. E todos os deputados que o seu Zé apoia, a gente também apoia. (ENTREVISTA DO CARREGADOR DE FLORES)

A opinião e o posicionamento do presidente do sindicato servem para avaliar, maciçamente, o voto dos carregadores no período eleitoral. A importância da entidade sindical fica clara ainda pela própria lógica operacional encontrada na Ceagesp. Ao contrário de outras categorias profissionais, os aparatos tecnológicos (celular, *tablets*) e os dispositivos comunicacionais (WhatsApp, Facebook, Instagram entre outros) não exercem influência alguma no desenvolvimento da atividade laboral, prevalecendo o contato interpessoal e presencial como elemento constitutivo do trabalho.

Porque todo dia a gente está com o carregador. O carregador passa na portaria [do galpão], ele está sempre conversando, a gente está sempre na portaria, sempre é o diretor na portaria, ele vai se informando. Cada vez que o carregador quer se informar ele vai procurar o diretor lá, se ele topa a gente na rua ele vai se informar, toda hora a gente está com o carregador, não tem jeito. [...] Nós, diretores, nós somos carregadores também. Além de encontrar todo dia com o carregador, a gente está todo dia trabalhando com o carregador. Aí, termina se informando. Cada carregador que encontra com diretor acaba se informando. (ENTREVISTA DO DIRETOR DO SINDICAR)

Reforça-se a prevalência do sistema “boca a boca”, inclusive como via de comunicação do Sindicar com os carregadores, pelo fato de que a grande maioria dos dirigentes atua também na movimentação de cargas. Há ainda a obrigatoriedade de que os carrinhos de madeira sejam guardados no galpão da entidade, que é um ponto privilegiado de circulação de informações e onde sempre há diretores presentes em todos os horários, já que a comercialização de mercadorias ocorre 24 horas ao longo da semana.

### **Considerações finais**

Procuramos elencar as principais conclusões oriundas da pesquisa de mestrado sobre a comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da Ceagesp (KINOSHITA, 2019). Para tanto, trouxemos um resumo do percurso epistemológico percorrido, mostrando como a triangulação metodológica foi crucial para ancorar a investigação.

Nesse contexto, nas observações de campo promovidas buscamos ter o máximo de cuidado possível para não atrapalhar a atividade dos carregadores, de modo a não prejudicar o seu ganho financeiro. No caso das específicas, seguimos os trabalhadores desde o momento em que saíram com seus carrinhos do galpão do Sindicar até à volta,

---

quando encerraram a jornada de trabalho. Tal atenção também mantivemos quanto ao aspecto científico, no que se refere a observar, discorrer e interpretar, coerentemente, o panorama que configurou o nosso estudo.

Essa preocupação esteve presente ainda na abordagem que adotamos quando partimos para as entrevistas em profundidade. Nesse momento, a estratégia usada foi a de nos estabelecermos próximos às referências e às lembranças dos entrevistados sobre a representação do seu árduo e difícil trabalho braçal, além do significado, para eles, do entreposto da Vila Leopoldina e da Ceagesp.

Assumimos a postura de que sempre estávamos lidando com sujeitos dotados de significações pessoais, culturais e simbólicas, e não com meros objetos de estudo estáticos. Assim, consideramos que nos relacionávamos presencialmente com testemunhas de um momento peculiar em que se achava inserida a nossa pesquisa, cujas memórias (BOSI, 2003) nos propiciaram encontrar as respostas que tanto queríamos.

Nem assalariados muito menos empreendedores (DARDOT; LAVAL, 2016); apenas profissionais explorados por uma lógica patronal (e sindical) que, infelizmente, não lhes confere a percepção adequada de o que seja, de fato, um trabalhador com direitos, capacitado a executar dignamente sua atividade. Pela ergologia (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008), vimos o quanto um ofício árduo, bruto e que demanda muita força física comporta sempre um caráter inédito, com um jeito todo particular de ser executado a partir do tipo de mercadoria que é transportada.

A compreensão da linguagem como resultado das generalizações e das abstrações da atividade laboral (LEONTIEV, 2004) se mostrou essencial por tratarmos de um profissional que é embasado pela constituição da ideologia do cotidiano, o que lhe confere compreender a sua própria existência humana (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1988).

Por isso é que a análise do discurso desse trabalhador ostenta uma importância na nossa investigação. Esse encaminhamento só se tornou viável ao interpretarmos as entrevistas aprofundadas, tendo em vista a significação da atividade linguageira *sobre, como e no* trabalho do carregador (NOUROUDINE, 2002; BOUTET, 2004). Essa formulação ajudou a apreendermos como o trabalho se junta à comunicação para conceber a identidade profissional, e mesmo pessoal, dos carregadores, além de apontar como a linguagem atua na concretização de sua atividade.

Vimos o quanto a visão neoliberal perpassa a lógica de atuação da Ceagesp e até mesmo do Sindicar, colapsando em boa medida o ofício desses trabalhadores no que se

refere às condições adversas com as quais eles se veem envolvidos no dia a dia. Tal panorama só será modificado quando eles se apropriarem, efetivamente, do significado que é movimentar um carrinho de madeira, com 300kg de carga, pelas ruas e corredores apertados do Entrepasto Terminal São Paulo.

Como exemplo, transcrevemos uma fala da entrevista do carregador de flores, que reflete bem essa situação: “Toda mercadoria que passa, passa na mão do carregador. Toda mercadoria que vem da roça, que vem para cá, toda mercadoria que é movimentada no Ceagesp passa na mão do carregador. Eu queria que dessem mais importância para nós.” O discurso desse trabalhador contém muito mais que força, brutalidade e suor. Representa a garantia, desconhecida intencionalmente ou não, de que não irá faltar comida, todos os dias, na mesa das famílias brasileiras, independentemente do patamar socioeconômico.

## Referências

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho** – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso** – Literatura e história, São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BONIN, J. A. *Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto*. In: MALDONADO, A. E. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória** – Ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOUTET, J. *Atividades de linguagem em situações de trabalho*. **Revista Parágrafo**, V. 4, N. 1, janeiro/junho de 2016.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo** – Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

FIGARO, R. **Comunicação e trabalho** – Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Atividade de comunicação e de trabalho*. **Revista Trabalho Educação Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, V. 6, N. 1, 2008.

\_\_\_\_\_. *Estudo de recepção e ergologia: novos desafios teórico-metodológicos*. **Revista Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, E-Compós, V. 12, N. 3, 2009.

- 
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.
- HEGEL, G. W. F. **O sistema de vida ética**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- KINOSHITA, J. O. *A centralidade da comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da Ceagesp*. **Anais 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Joinville, 2018.
- \_\_\_\_\_. **A comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP**. São Paulo, 2019. Dissertação de mestrado – ECA-USP.
- KOSSOY, B. *Elementos para el desarrollo de la historia de la fotografía en America Latina*. In: **Memorias del primer coloquio latino-americano de fotografía**. México, Conselho Mexicano de Fotografia (org.), 1978.
- \_\_\_\_\_. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, Coleção Museu & Técnicas, N. 4, 1980.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2001.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MACHIN, R.; COUTO, M. T.; ROSSI, C. C. S. *Representações de trabalhadores portuários de Santos-SP sobre a relação trabalho-saúde*. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, V. 18, N. 4, 2009.
- MARIN, E. C. *O ofício da pesquisa: processos do fazer*. In: MALDONADO, A. E. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação – Olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MARX, K. **O capital** – Crítica da economia política. Volume I, Livro Primeiro. *O processo de produção do capital*. Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- NOUROUDINE, A. *A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho*. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (orgs.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PIRENNE, H. **As cidades da Idade Média**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2009.
- POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa – Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e ergologia – Conversas sobre a atividade humana**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.